

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DO ENSINO A DISTÂNCIA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

José Norberto Sousa Lopes¹

RESUMO: Este material relata a minha trajetória desde início da minha vida estudantil, acadêmica e o momento em que decidi ser professor e pensar como os professores da modalidade de ensino a distância deveria agir com seus alunos, ou com suas classes (salas de aula virtuais), com isso discutir qual seria a formação ideal para um professor decidir ou ingressar na modalidade a Distância. As metodologias aplicadas no Ensino a Distância, a inserção de professores da modalidade de ensino presencial para o ensino a Distância.

Palavras Chaves: Modalidade; Tecnologias; Didática, EaD, Ensino a Distância

ABSTRACT: This material relates to my career since the beginning of my student life, academic and the moment I decided to be a teacher and how teachers think of the distance mode of education should act with their students, or with their classes (virtual classrooms), discuss this with what would be the ideal training for a teacher to decide or join in the distance. The methodology applied in Distance Education, the inclusion of teachers in classroom teaching modality for distance education.

Keywords: Mode; Technology, Curriculum, Distance Education, Distance Learning

Sou Analista de Sistemas, formado em Tecnologia em Processamento de Dados, por esta instituição, possuo especialização em Desenvolvimento de Sistemas e outra em Gestão de Projetos, voltado para as melhores práticas de Gestão do PMI (Project Management Institute), seguindo a principal “bíblia” de Gerenciamento de Projetos, o PMBOK. Possuo inúmeros cursos de Tecnologia, como de banco de dados, linguagens de programação, softwares de editoração, tratamento de Imagens, sistemas operacionais, ferramentas de desenvolvimento para web (Internet), sou consultor de treinamento em informática, orientando e treinando meus clientes nas

¹ Analista de Sistemas e Professor Coordenador dos cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Faculdade de Tecnologia Carlos Drummond de Andrade, Especialista em Desenvolvimento de Sistemas e Gestão de Projetos, Mestrando em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – UNICID.

melhores ferramentas tecnológicas do mercado, seja para escritório, desenvolvimento, design, redes ou segurança da informação.

E é claro, não deixaria de ser professor. Leciono atualmente em uma instituição privada de ensino superior nas disciplinas de Informática Básica, Redes de Computadores, Infra estrutura de redes, Segurança da Informação, Gestão de Projetos, Sistemas Distribuídos, Arquitetura de Computadores e Redes de alta Velocidade, ou seja, o que quero dizer com toda essa história? Que sou extremamente exato, “é ou não é”, “sim ou não”, “certo ou errado”, como na tecnologia “0’s e 1’s”, zeros e uns!

Então depois de tanta tecnologia, você que está lendo este artigo deve estar se perguntando que tipo de tecnologia revolucionária eu apresentaria para a metodologia de ensino no formato EaD (Ensino a Distância). Na realidade nenhuma formula tecnologia mágica, pois essa formula não existe, a tecnologia existe, isso é fato, e ferramentas para tal existe aos montes, o que quero me referir aqui é sobre Gestão, sobre pessoas, seres humanos e não máquinas. Mas para isso preciso voltar um pouco no meu passado.

Tudo começou em 1980, exatamente em 06 de Junho de 1980, quando cheguei ao Brasil, vindo de Portugal, Ilha da Madeira, exatamente com 7 anos e 4 meses, infelizmente ou felizmente cheguei fora do período de matrículas escolares, como sabemos com 7 anos já deveria estar matriculado no primeiro ano do ensino fundamental, mas isso não aconteceu, visto que já haviam se passado praticamente 6 meses de aula.

A partir desta data, fui criado pelos meus tios, ele feirante, estudou em Portugal até o quarto ano, dizia ele, sinceramente não entendia muito o que era o quarto ano, mas acredito que seja o quarto ano do ensino fundamental, muito esclarecido, meio “bronco”, mas esclarecido, atencioso e sempre queria o melhor pra mim, fato que não possuía as melhores condições financeiras, mas não me faltara nada enquanto fiquei sobre sua tutela.

Minha tia, portuguesa nata, daquelas que falavam alto, arrastado como ninguém, queria que tudo fosse feito de forma correta, sabia fazer contas como ninguém, ajudava meu tio na feira, administrava o lar e outras coisas mais. Mas, era analfabeta, não sabia ler e nem escrever, mas

como disse fazia contas como ninguém, era obrigada claro, pois para trabalhar na feira, fazer o troco correto é fundamental.

Conhecendo o Brasil na casa dos meus tios, tudo estava ocorrendo normalmente, conhecendo todos os amigos dos meus tios, alguns coleguinhas, mas muito poucos, quando Julho de 1980 findou, minha tia tomou uma iniciativa surpreendente, disse: *“pronto Norberto, suas férias acabaram, agora você precisa estudar, precisa aprender a ler, a escrever, fazer contas e muito mais”*. Foi aí que ela me levou a casa da Dona Nair Kertisz, que tinha três filhas com mais ou menos a minha idade, qual a minha surpresa, ela seria a minha professora até o final do ano, ou seja, tudo que ela ensinara às suas filhas na hora da lição de casa eu acompanhava e tentava fazer igual. As séries que elas estavam deveriam estar bem próximas da que eu deveria estar frequentando, pois uma é dois anos mais velha que eu, uma um ano mais nova, e a outra cinco anos a mais.

Lembro-me muito bem que às vezes era um pouco rebelde, não queria fazer as lições que ela me passava, tipo escrever o alfabeto várias e várias vezes, formar palavras básicas depois de ter decorado o alfabeto, escrever meu nome completo, e o mais importante, saber o que eu estava fazendo.

Dona Nair me fazia ficar sentado por horas para aprender o que ela estava proposta a ensinar, dizendo que a palavra “garfo” que eu estava escrevendo era referente à aquele talher que estava em cima da mesa, era ensino por assimilação visual, escrevia e depois via o objeto, olha que idéia fenomenal.

Posso garantir para todos, para ela não foi nada fácil, vocês já ouviram um “português”, vindo da Ilha da Madeira falando? É terrível, um dialeto praticamente incompreensível, mas aquela senhora entendia, e quando não entendia me fazia repetir bem devagar o que eu realmente queria dizer.

Como citado acima, eu às vezes era um pouco rebelde, não queria fazer a lição que ela passava, mas aí ela resolvia de uma forma bem simples, extremamente simples, o chinelo rolava solto nas minhas pernas gordas. Quando tinha que decorar tabuada era terrível, até corria dela,

mas ela vinha atrás com o chinelo na mão, tipo, você precisa estudar e pronto. O Resultado de tudo isso foi, que em 1981 iniciei o ano letivo na primeira série com oito anos, sabendo ler basicamente, sabendo escrever, e o mais importante, já sabia até fazer algumas continhas, que maravilha, e percebam que essa senhora em momento algum ganhou um salário para fazer isso.

Daí para frente comecei a estudar em colégio municipal, 1^a, 2^a, 3^a séries em um único colégio, eu era muito paparicado, pois imaginem um garotinho com 8 anos falando tudo enrolado, a diretora, inspetora, os professores adoram ver aquela cena, pois naquela oportunidade era algo novo para todos eles.

Lembro que nesses três anos nessa escola, tinha professores excelentes, que davam muita atenção aos alunos, ajudavam aos alunos a aprender de verdade, lembro que eram já senhoras, não me lembro de ter professores novos, como vemos hoje.

Na 4^a série fui transferido para outra escola, por motivos de “logística”, mais próximo da minha casa, minha tia podia ter mais tranqüilidade para me levar e buscar. Não tive dificuldade alguma em acompanhar outros colegas da outra escola, também não achei professores novos naquela instituição, só senhoras e senhores que, diga-se de passagem, com muita experiência e paciência com seus alunos. Dona Neusa, professora de História, Dona Tereza Cristina que era professora de Educação Artística, às vezes levava sua filha para assistir às aulas conosco, e um que de forma alguma não poderia esquecer o professor de matemática, professor Katsushico, japonês é claro.

Esse professor tinha a “fama”, todo mundo, ou seja todos os alunos tinham medo dele, enérgico, sério, exigente, metódico e outros sinônimos mais que fazem parte de pessoas extremamente inteligentes, julgo eu. Em suas aulas fazia questão que todos os alunos trouxessem a capa da carteira, capa de plástico, verde água, exigia que todos tivessem o material adequado para sua disciplina, lápis, borracha, régua, não queria de forma alguma que usássemos caneta, pois se tivesse alguma coisa errada, ele fazia com que nós apagássemos e corrigíssemos o erro, não admitia rasuram em nossos cadernos.

Seu ensinamento era pausadamente íntegro, explicava, tornava a explicar novamente, e depois da explicação, exercícios e mais exercícios. No final da aula, deixava sempre uma lista de exercícios para serem feitos em casa, e no retorno as aulas cada um fazia um exercício em sala de aula, na lousa. E ele sabia exatamente onde tinha parado, ninguém precisa falar para ele de quem era a, pois não percebíamos se ela anotava em algum lugar.

E quando falava do plástico verde água que forrávamos a carteira, ele simplesmente não deixava assistir a aula caso alguém não levasse o plástico, ainda perguntava se algum colega tinha algum sobressalente para emprestar, caso não, infelizmente teria que ficar na diretoria aguardando a aula terminar.

Professor nota dez, tive aula com ele da quarta a oitava série, e quando fui ao colegial, tive outro do mesmo estilo, professor Emídio, esse não exigia o plástico, mas as lições de casa e a disciplina eram cobradas como sempre, digo que naquela época nós alunos não tínhamos medo do professor, tínhamos o máximo de respeito e muito respeito pelos nossos pais, pois se repetíssemos de ano seria uma afronta e o castigo seria bastante severo. E hoje como é a cabeça desses alunos? Bom deixa pra lá por enquanto, em outra oportunidade escrevo a respeito.

Ao findar o colegial, meu sonho e desejo dos meus tios era entrar na faculdade, o desejo dos meus tios era ter um sobrinho-filho formado e não mais um feirante, pois já naquela época a feira já estava em degradação, os Portugueses, Japoneses, Italianos que dominavam a feira, agora vendiam suas barracas para os Nordestinos que faziam das barracas meios de sobrevivência em quantidade e não qualidade, colocando empregados para tomar conta e eles ficavam nos bares bebendo e contando vantagem do que faziam.

Pois bem, prestei o vestibular nesta instituição, isso mesmo na Universidade Cidade de São Paulo – UNICID para o curso de Tecnólogo em Processamento de Dados. Já conhecia um pouco de computador, pois na empresa onde trabalhava fui obrigado a usar o computador no dia a dia do meu trabalho, foi bom, trabalhei com o famosíssimo “Lotus 123”, “Wordstar”, Programei em Summer 87, depois Clipper, e com um grande detalhe, aprendendo lógica de programação na raça, afinal tinha que fazer um programa de controle comercial para meu chefe a todo custo, mas

ele não entendia que eu teria que estudar para fazer aquilo, bom, fiz e ainda funciona, nos dias de hoje.

Voltando para o vestibular, passei e me matriculei no curso, ao iniciar as aulas, que surpresa, pensei que iria encontrar os mesmos professores que tinha no ensino básico, e fundamental, mas não foi bem isso que ocorreu, tive excelentes professores, bons mesmo, mas profissionais totalmente diferentes do que eu havia tido anteriormente. Com essas mudanças radicais, é claro que eu não ria bem nas matérias, ainda quando eu fiz uma prova de lógica de programação onde conhecia tudo e tirei a nota 1,0, que absurdo, tantas tentativas consegui a revisão e a nota foi corrigia, se não me engano para 9,5.

Nessa disciplina estava indo bem, mas nas outras? Nada bem, isso é claro logo no primeiro semestre, veio àquela vontade de desistir, e quase o fiz, se não fosse alguns professores que me deram uma força incrível e o meu grande irmão de consideração Roberto Licciardo que me incentivaram a seguir em frente.

Em uma determinada aula com o professor de Lógica de Programação, professor Hiromassa Nagata, eu disse para ele que aquilo não era bem o que eu queria, gostava bastante das disciplinas mas não era aquilo que eu queria, eu não gostava mais de programar e sim criar, gerenciar, administrar, e logo de cara ele disse que eu estava no curso certo, “você primeiro precisa conhecer a estrutura, para depois administrá-la, primeiro você precisa conhecer a parte técnica para depois criar sistemas de Gestão para organizá-la”.

Naquele momento me abriu um horizonte formidável, pensei coisas que nunca havia pensado antes, pensei em estudar para ser professor, e assim ajudar muitos e muitos alunos a trilhar seu caminho profissional, exatamente como o professor Hiromassa fez comigo. Ele não era de muito papo não, de muita intimidade com seus alunos, mas quando falava, era assertivo nas palavras, sempre incentivando seus alunos a buscarem coisas novas, criarem coisas novas.

Outros que posso citar também como excelentes referências são os professores Jayr Figueiredo, que de alguma forma nos obrigou a fazer pesquisas sobre determinados temas, inclusive tivemos a experiência de adentrar as instalações da IBM para pesquisar sobre o sistema

Operacional OS2Wrap Merlin, onde teríamos que elaborar um seminário para apresentarmos na faculdade, no auditório, experiência fora de série. A professora Rosely que tirou toda aquela amarração que tínhamos de falar em público, deixando-nos mais “sem-vergonhas”, ensinando-nos a nos postar em frente a pequenos públicos, no momento eram nossos colegas de turma. O Professor Milton, que achávamos que ele era “doido de pedra”, porque ensinava uma matéria extremamente técnica, ASSEMBLER, já ouviram falar nisso?

Os anos foram se passando, o incentivo foi crescendo, alguns professores ajudaram muito, outros nem tanto, mas de alguma forma ajudaram bastante. Ah! Não posso esquecer-me do professor Aníbal, que em um determinado momento percebeu que eu havia colado em uma das questões de sua prova e simplesmente disse que da próxima vez era para eu colar melhor, que o que eu havia feito já era manjado, e me orientou a estudar e não perder tempo fazendo cola.

Lembro-me, que tivemos alguns professores assistentes, isso mesmo, aqueles que acompanham o professor titular da matéria para aprender o traquejo de sala, didática, até mesmo conteúdo que estava sendo passado em sala de aula e exercícios que seriam passados aos alunos, percebia que aquelas pessoas candidatas a professores estavam ali para aprender também, aprender como lidar com os alunos, pois eles também eram alunos, sito dois professores que na minha época de faculdade fizeram estágios intensivos para depois virem a lecionar, a professora Luciana, que inicialmente acompanhava o professor Milton e depois veio a auxiliar o Aníbal, e a professora Tatiana, que auxiliou por muito tempo o professor Jayr Figueiredo, que em um determinado momento, quando fui apresentar meu projeto de TCC ela simplesmente disse que estava tudo errado e rasurou todo o meu trabalho, só que esse determinado momento, eram 5 dias da apresentação do trabalho, ou seja, ela disse que estava tudo errado e tinha apenas 5 dias para refazer tudo, fiquei doido de raiva, mas no final tudo deu certo, pois efetivei todas as correções e apresentei o trabalho de forma competente e completa, graças é claro às orientações e os desafios que fizeram com eu que fosse atrás dos objetivos.

Naquela época podíamos ter professores auxiliares? Podíamos ter professores em sala de aula se preparando para encarar turmas sozinhas no futuro? Porque hoje não se vê mais isso? Porque mais freqüentemente vemos professores extremamente despreparados em sala de aula?

O intuito com todo este assunto acima é justamente para falar de um professor que não fica em sala de aula, ele fica ciberneticamente falando, ou digitalmente falando “escondido”, isso mesmo, posso usar essa palavra, “ESCONDIDO”.

Percebo que alguns professores que lecionam disciplinas de Ensino a Distância em Instituições de Ensino Superior, se escondem por trás da câmera, isso quando tem a câmera, quando não são apenas tecnologicamente digitais, mas sem câmeras. O Aluno não conhece seu professor, por muito vê uma foto estampada em determinado lugar do software que ele usa para acessar aos conteúdos.

Efetivamente o objetivo desse professor e ser muito mais dinâmico didaticamente falando do que os professores que estão presentes em sala de aula, que estão olhando olho-no-olho de nossos alunos. Vejo que esses profissionais entram nessa metodologia de forma a fazer simplesmente um teste, tipo “*vamos ver no que dá*”, e por incrível que pareça muitos deles não tem conhecimento ou mesmo intimidade com a ferramenta a qual vão trabalhar.

O professor de ensino superior presencial, via de regra, deveria se preparar psicologicamente, tecnicamente, didaticamente, e porque não dizer humanamente para poder entrar em sala de aula e encarar, 40, 60, 80 ou até 100 alunos sedentos por informação, ou o pior, muitos sedentos por coisa nenhuma, simplesmente não sabem o que fazem ali, estão ali por imposição, social, profissional ou familiarmente. Esses são os piores, vão apenas para obter o certificado de conclusão de ensino superior, saem falando “*pronto, já fiz o que deveria fazer, agora é com o meu chefe, ou com o meu pai*”, sensação de dever cumprido, “*já estudei, agora quero as minhas oportunidades, quero aquilo que me prometeram*”.

Voltando ao que nos interessa o professor do Ensino a Distância nas Instituições de Ensino Superior, qual a preparação desse profissional?

Recentemente alguns alunos que estão tendo aula comigo fizeram uma reclamação a respeito de um professor, dizendo que não tinha didática suficiente, que não disponibilizava material para estudo, que não dava a atenção necessária aos alunos, que simplesmente não respondia às solicitações a ele feitas. Sinceramente não fiquei curioso em saber quem era, visto

que não gosto de me envolver com esse tipo de problema, mas o nome do tal professor foi comentado, e qual a minha surpresa, esse professor comentado é um professor extremamente adorado por inúmeros alunos, e naquele momento estava sendo “pichado” por um trabalho que sinceramente não estava preparado para fazer, que aceitou pelo desafio, ou mesmo pela imposição. Isso “mesmo, esse professor que era um “avião” em sala de aula, se tornou um “vilão” na metodologia do Ensino a Distância”.

Antes mesmo de ouvir essa reclamação dos alunos, esse professor me solicitou ajuda para a utilização da ferramenta que ele usara para atender os alunos no Ensino a Distância, pelo que percebi, ele não sabia nem por onde começar, não tinha intimidade nenhuma com a tecnologia, mal sabia utilizar o mouse, e muito menos interpretar aquelas mensagens que às vezes confundem mais os usuários/professores, do tipo “*você não tem permissão para tal evento!*”, “*você executou uma operação ilegal*”, “*você deve copiar e depois colar os conteúdos nas áreas de estudo!*”, “*erro inesperado, tente novamente*”, “*O sistema não está respondendo, tente mais tarde*”, “*erro ao acessar as tabelas do BD*”, o professor fica louco, preocupado, com a impressão que está fazendo algo de muito grave na plataforma.

Ele me abordou da seguinte forma: “*professor, como sei que o senhor é de tecnologia, será que o senhor poderia me ajudar a entender essa plataforma de EaD?, estou totalmente perdido, e me passaram duas disciplinas que agora tenho que ministrá-las pelo computador e internet, e vou ser sincero, tenho medo desse negócio*”. Claro que me prontifiquei de imediato a ajudá-lo, mas confesso a minha surpresa, pois aquele professor me pedindo ajuda, me deixou bastante preocupado, pois eu o via como um “expert”, o melhor, até pelo tempo em que leciona, percebe-se que faz com bastante prazer, realmente gosta do que faz. Se não é o melhor, é um dos melhores da Instituição.

Naquele momento lhe auxiliei da melhor forma possível, porque também não conhecia a plataforma, apenas ouvia falar que existia, mas nunca havia usado, mas é algo bem simples, claro na minha concepção.

Este professor que é o melhor, em minha opinião, nas disciplinas que leciona, ficou de alguma forma marcado negativamente pelas aulas que ministrou na metodologia de Ensino a

Distância, por conta da falta de conhecimento e dinâmica com a plataforma, então não seria a mesma analogia com a sala de aula?

Nós professores temos que de alguma forma expor nossa didática, nosso traquejo com os alunos, nosso jogo de cintura, nosso conhecimento, mas de forma interativa pessoalmente, naquele momento conseguimos verificar e analisar as reações de cada um em sala de aula, e virtualmente como fazemos isso?. Não que eu seja contra a essa metodologia, mas a favor da preparação do profissional que usará essa ferramenta, não é porque o Ensino e a Distância que o professor tem que estar distante do aluno, e se o professor precisa ficar próximo do aluno, como conseguiremos tempo para isso?

Podemos gravar nossas aulas em vídeo aulas e transmitir posteriormente aos alunos, mas onde fica o calor humano, a interatividade com os alunos, e as questões que sempre surgem quando estamos explicando determinados assuntos? E a dinâmica que podemos fazer com a turma presencial, como podemos fazer isso via internet? Além do conhecimento obrigatório da sua disciplina, o professor das metodologias de Ensino a Distância tem que possuir o domínio da tecnologia de Informática, ou pelo menos conhecer extremamente bem a plataforma, e isso não acontece sem treinamento e conscientização de que além do domínio dos assuntos abordados o professor deve criar formas de segurar o aluno na frente do computador, e posso afirma com ganho de causa, isso não é fácil.

As metodologias de Ensino a Distância, estão para disseminar conhecimento, ou para aumentar o número de alunos matriculas nas instituições de ensino sem ocupar fisicamente cadeiras, salas, corredores, elevadores, assim reduzindo imensamente os custos com infraestrutura. Para quem não tem tempo ou disponibilidade de freqüentar fisicamente uma instituição de ensino, essa metodologia é excelente, desde que as dinâmicas e a interação do professor com os alunos melhore consideravelmente. Temos tecnologia, precisamos de investimentos em qualificação dos profissionais que tem a responsabilidade de levar esse conhecimento a diante.

Nessa metodologia, de que forma poderíamos fazer para orientar nossos alunos, como alguns professores me orientaram para seguir corretamente minha carreira acadêmica e profissional? Como vamos sentir do aluno o verdadeiro interesse pelo assunto, pela disciplina,

pelas metodologias? E esse aluno, quando se formar e quiser ser professor, será somente professor de Ensino a Distância? Visto que não terá nenhuma experiência em sala de aula, nem como aluno e muito menos vendo seu professor ministrar uma excelente aula e transmitir seu conhecimento? Vamos pensar sobre isso e achar soluções para que essa metodologia dê excelentes resultados para nossa educação.